

Nascente

Revista Semestral da WaterAid / Nº 02 / 2018
Distribuição gratuita



Uma WaterAid.
Três metas.



Água para cerca de 5 mil pessoas em Mecanhelas

Segurança da água
e mudanças climáticas
Págs. 6 e 7

Planos directores para
municípios de Cuamba,
Quelimane e Boane
Págs. 8 e 9



A WaterAid é uma organização internacional sem fins lucrativos, determinado a fazer com que a água limpa, os sanitários decentes e a boa higiene sejam elementos normais para todos em todos os lugares, durante gerações. Ao lidar com esses três aspectos essenciais, de maneiras que durem, as pessoas podem mudar suas vidas para sempre.



1 em cada 9 pessoas no mundo não tem água limpa perto de casa. Estamos a colaborar com parceiros locais para encontrar a melhor solução para obter água limpa para cada comunidade a nível global.



1 em 3 pessoas no mundo não têm uma latrina decente por conta própria. Estamos a trabalhar com parceiros para ajudar a construir sanitários e treinar pessoas locais para mantê-los e garantir a sua continuidade depois da nossa intervenção.



No mundo, 1 criança morre em cada 2 minutos devido a falta de água, saneamento e higiene. A boa promoção da higiene é uma das formas mais eficazes de melhorar a saúde global. É por isso que apoiamos programas de educação em higiene em todos os nossos projetos.



Água potável
Sanitários decentes
Boa Higiene

Nota do Director



Florêncio Marerua
Director Nacional
WaterAid

Caro leitor,

Neste momento que nos lê, uma em nove pessoas no mundo não tem acesso à água limpa e uma em três não tem sanitários decentes em casa. Sem esses elementos essenciais para a nossa saúde, as doenças preveníveis matam uma criança em cada dois minutos no mundo. Todos sabemos que isto não devia ser normal. Mas é o que acontece!

A crise de água e saneamento é uma realidade, um pouco por todo o lado. E acontece numa altura em que o mundo está preocupado com o alcance dos Objectivos de Desenvolvimento Sustentável, até 2030. Como garantir que todos, em todo o lado, tem acesso à água e ao saneamento seguro até 2030 se a crise anda aqui, pertinho de nós?

Hoje, Maputo vive uma situação que jamais imaginámos que, algum dia, aconteceria. As limitações no fornecimento de água são apenas a ponta do iceberg, mas o problema é ainda maior e envolve elementos como mudanças climáticas. Foi pensando nisso que a WaterAid Moçambique, em parceria com o Governo, organizou, de 26 a 29 de Março do ano em curso, um workshop sobre segurança da água e mudanças climáticas, tendo como fim o desenho de um Programa Quinquenal para fazer face a esta situação.

A nossa preocupação, porém, não se limita à Região do Grande Maputo. Estende-se também aos

outros locais da nossa intervenção, onde apoiamos no fortalecimento do sector, melhorando aspectos de coordenação e planificação. É nesse contexto que apoiamos os municípios de Boane, Quelimane e Cuamba no desenho de Planos Directores de Água, Saneamento e Higiene (ASH), instrumentos importantes que vão permitir-lhes um planeamento do uso da terra integrado e alinhado com outros aspectos de desenvolvimento social e económico, tendo em conta o crescimento populacional. Estes planos foram lançados em Maio, num evento bastante concorrido, na Cidade de Maputo.

Os planos abordam questões-chave, tais como saneamento básico, eliminação de dejectos, resíduos sólidos urbanos (RSU), águas pluviais e residuais, educação para higiene, financiamento, capacitação institucional e o abastecimento de água. E este último ponto afigura-se bastante importante, já que inclui uma série de componentes de política que englobam a gestão dos sistemas de abastecimento de água, outra área que mereceu a nossa atenção.

Por isso, promovemos um encontro importante, em Boane, para discutir os modelos de Gestão dos Sistemas de Abastecimento de Água, colocando na mesma mesa diferentes actores do sector.

Estes e outros assuntos são abordados nesta rica edição da nossa "Nascente", por isso, nada mais me resta do que desejar-lhe uma BOA LEITURA.

Índice

Nota do Editor



Arão Valoi
Coordenador de comunicação

Uma waterAid. Três metas	2
Nota do Director	3
Nota do Editor	4
Como atingir a todos, em todo o mundo, com água, saneamento e higiene	5
Grande Maputo contará com Programa Integrado para Segurança de água e mudanças climáticas	6 e 7
Planos Directores para Municípios de Boane, Quelimane e Cuamba	8 e 9
WaterAid junta Governo, Município e Privados a discutirem gestão de pequenos sistemas de abastecimento de água	10 e 11
Um drama sem precedentes em Mulinda	12 e 13
Projecto JOA garante água para cerca de cinco mil pessoas em Mecanhelas	14 e 15
Cuamba e os desafios para a mudança de comportamento em relação a higiene	16
WaterAid inaugura sanitários modernos e inclusivos em Quelimane	17
Dia Mundial da Água reflecte sobre ocupação de espaços e preservação de caminhos de água	18
Anunciados vencedores da Terceira Edição do Prémio de Jornalismo para Água, Saneamento e Higiene	19

Esta é a segunda edição 2018, da Revista Nascente, uma publicação da WaterAid Moçambique que tem como foco a divulgação, não só das acções levadas a cabo pela organização, mas também as actividades que tem estado a acontecer no sector de água e saneamento.

Tal como a primeira edição do ano, esta continua vibrante e rica em termos de conteúdos e abordagens. Notamos, porém, alterações subtis em termos de *layout* e combinação de cores, tudo para responder às exigências também dinâmicas do nosso regulamento de *branding*, em constante movimento.

O nosso trabalho, o de garantir que o acesso à água, ao saneamento e à higiene seja uma prática normal para todos, em todo o lado, nos move como organização e cria em nós o espírito de busca contínua pelas soluções institucionais e tecnológicas mais apropriadas para que até 2030, todos tenhamos esses elementos essenciais para a nossa vida.

Ao percorrer esta edição, caro leitor, notará que toda a informação nela contida consubstancia esse nosso esforço, essa luta, esse desafio...

O conteúdo aborda, entre outros, o importante papel que desempenhamos no reforço do sector, através de promoção de acções de coordenação, planificação e implementação de actividades em campo. Os encontros sobre segurança de água & mudanças climáticas e sobre a gestão dos sistemas de abastecimento de água são o exemplo de como os arranjos e a coordenação institucionais são importantes para o nosso sucesso.

E aliás, foi através dessa coordenação institucional e da combinação de tecnologias que o acesso à água passou a ser normal para cerca de 5 mil pessoas no Distrito de Mecanhelas, Província de Niassa.

Mas os desafios persistem e exigem de nós um redobrar de esforços para garantir que mais pessoas, que as pessoas de Mulinda, por exemplo, possam ter acesso à água, ao saneamento e à higiene.

FICHA TÉCNICA

Propriedade: WaterAid Moçambique | **Direcção:** Florêncio Marerua | **Coordenação, Edição e Redacção:** Arão Valoi
Design e Maquetização: Ponto Design
Endereço: WaterAid Moçambique, Bairro da Polana Cimento "B", Rua Carlos Albers 67, Maputo, Moçambique
Telefones (+258) 21421437/39/43 ou (+258) 844605326 | www.wateraid.org
Facebook: <https://www.facebook.com/wateraidmoz>

Como atingir a todos, em todo o mundo, com água, saneamento e higiene até 2030?



Rosalina Catxala carrega um balde de água tirada do fontanário construído pela WaterAid em Nhangataiane.
Foto: WaterAid/Arão Valoi

Não iremos acabar a pobreza extrema até 2030, sem que todas as pessoas, em todo o mundo, tenham acesso a água limpa, ao saneamento seguro e boa higiene. Juntos, estes elementos formam uma plataforma essencial para o progresso em saúde, educação, nutrição, trabalho e desenvolvimento económico, sem os quais a Agenda 2030 para os Objectivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) irá falhar. Progressos inadequados nos anos iniciais dos ODS colocaram-nos em situação de fracasso na sua implementação

Mas, felizmente, é um assunto que ainda tem solução! Com o início da revisão do Objectivo número 6 dos ODS – acesso à água e saneamento – apelamos aos governos e doadores para que combatam as desigualdades no acesso à Água, Saneamento e Higiene (ASH), através de acções urgentes de **financiamento, integração e sustentabilidade**.

Financiamento

Cobrir os gaps orçamentais dos planos nacionais de

ASH, através de impostos, tarifas, transferências e do incremento da ajuda para o desenvolvimento no sector de água, saneamento e higiene, apoiar países vulneráveis às mudanças climáticas no acesso ao financiamento do clima para ASH.

Integração

Promover uma abordagem de integração interministerial e processos multi-stakeholders entre ASH e áreas temáticas de interseção. Garantir integração entre políticas e programas e integrar ASH nos planos;

Sustentabilidade

Implementar de forma sustentável, serviços resilientes às mudanças climáticas, com foco na criação de uma mudança duradoura de comportamento. Melhorar a planificação, monitoria, responsabilização e gestão adaptativa, envolvendo titulares de direitos ao longo do processo.

Em foco



Ministro das Obras Públicas, Habitação e Recursos Hídricos, Carlos Agostinho Bonet (no meio) participa no Workshop sobre água segura e mudanças climáticas.
Foto: WaterAid/Arão Valoi

Grande Maputo contará com programa Integrado para segurança de água e mudanças climáticas

Um Programa Quinquenal Integrado e abrangente para fazer frente às ameaças decorrentes da segurança básica e sustentabilidade da água para a população vulnerável e de baixa renda da região do Grande Maputo, com ênfase para a Cidade de Maputo, foi o resultado de um seminário que teve lugar em Maputo, de 26 a 29 de Março do ano em curso.

Organizado pela WaterAid, em parceria com o Ministério das Obras Públicas, Habitação e Recursos Hídricos (MOPHRH), através da Direcção Nacional de Água e Saneamento (DNAAS) e da Direcção Nacional de Recursos Hídricos (DNRH), o seminário incluiu sessões formais com o ministro e parceiros de cooperação e examinou a crise actual da água, decorrente

da precipitação inferior à média histórica na bacia do Rio Umbeluzi durante os últimos quatro anos (2014 – 2017).

Entre outros, o Programa em alusão, que será implementado pela WaterAid juntamente com os parceiros nacionais estratégicos tais como a DNAAS, DNGRH, FIPAG, AIAS, AdM, ARA-Sul e o Município de Maputo, propõe a implementação de acções com vista a construir resiliência nas áreas de baixo rendimento contra a insegurança e sustentabilidade hídrica e será concebido em articulação com os Planos Municipais existentes tais como os Planos Directores de 10 anos recém-desenvolvidos, o Plano da AIAS, bem como outras estratégias e políticas sectoriais de Água, Sanea-

mento e Higiene (ASH).

O Programa será utilizado pelo Governo de Moçambique, com a WaterAid na busca de potenciais oportunidades de financiamento junto do Fundo Verde do Clima.

O Seminário resultou do entendimento da WaterAid de que os serviços melhorados de água, saneamento e higiene são essenciais para a segurança global da água e devem ter um papel central em qualquer estratégia de adaptação das mudanças climáticas. “Sem acesso fiável a quantidades suficientes de água de qualidade para o consumo humano e outros usos, as pessoas tornam-se vulneráveis a doenças e ao sofrimento e menos capazes de lidar com os impactos das mudanças climáticas. O saneamento do meio deficitário e a falta de comportamento de higiene melhorado aumenta o risco de doenças e epidemias de origem hídrica, que podem causar consequências drásticas, argumenta a WaterAid.

Vozes dos participantes



Jacinto Loureiro,
Presidente do Município
da Vila de Boane

“Que a gente saia daqui com um horizonte mais estruturado sobre a situação da crise de água na região do Grande Maputo. Nós, na qualidade do Município da Vila de Boane, temos estado a empreender enormes esforços para garantir que as nossas populações tenham acesso à água. Não tem sido fácil. Boane tem uma particularidade que todos conhecemos. Tem o Rio Umbeluzi, donde sai a água que abastece as Cidades de Maputo e Matola, mas nós não temos água. Temos estado a trabalhar, em parceria com organizações como a WaterAid, no sentido de construir fontes de abastecimento de água aos nossos munícipes. Há que notar que quando chegamos, o abastecimento de água em Boane era de apenas de 15%. Apenas três bairros tinham água. Hoje, temos 29 bairros com água, o que representa 80% em termos de número de bairros e não da população”.



Carlos Bonete Martinho,
Ministro das Obras Públicas,
Habitação e Recursos Hídricos

“Esperamos que saiam deste encontro importantes reflexões em torno da situação de água no Grande Maputo. A questão da sustentabilidade e acesso ao financiamento para o sector foi largamente debatida durante o oitavo fórum mundial da água que teve lugar no Brasil, cujo lema era “partilhando a água”,

sugerindo a ideia de que a água é um direito de todos. Igualmente, este ano, o lema do Dia Mundial da Água, “Ocupar o solo preservando os caminhos da água” remete nos para a necessidade de nos preocuparmos com a planificação no processo de edificação das nossas infra-estruturas. Quando falamos de segurança de água devemos também pensar na quantidade e qualidade, mas isso nem sempre é possível, por causa de vários factores. O nosso País é vulnerável a riscos extremos e tem uma forte dependência em relação aos países vizinhos, em que mais de 50% de escoamento vem desses países”



Arnaldo Ribeiro, Representante
da Associação dos Produtores
de Banana do Umbeluzi

“As restrições no fornecimento de água afectam-nos de forma severa. A nossa produtividade reduziu em mais de 30% e desde 2017 até cá perdemos cerca de 2 milhões de dólares americanos. Os volumes de venda locais reduziram na ordem de 7000 toneladas/ano. Ainda não foi possível reduzir a mão-de-obra, mas se a situação continuar, seremos obrigados a fazê-lo. Só para o vosso conhecimento, a banana de Umbeluzi é a quarta maior exportação agrícola do País e abastece 30% do mercado sul-africano da banana. Também é sabido que nenhuma empresa de banana que trabalha no Umbeluzi é ilegal. Temos todas as licenças que nos foram passadas pelo Governo e todos sabiam que os estudos feitos na bacia previam uma área irrigada de três mil hectares”



Nilton Trindade, Director Nacional
de Abastecimento de Água
e Saneamento

“Queria chamar atenção para os cuidados que devemos ter quando falamos de águas subterrâneas no Grande Maputo por causa do tipo de assentamentos existentes nesta região. Há trinta anos, na zona da Maxaquene, tínhamos furos com mais de 50 metros cúbicos de água por hora. Por causa de construções massivas, hoje apenas temos furos com cerca de 5 metros cúbicos por hora. Estas construções fizeram com que a qualidade e quantidade de água baixassem significativamente. Também queria chamar atenção ao representante da bananalândia: os três mil hectares previstos para irrigação através da Bacia do Umbeluzi eram apenas para a produção de hortícolas, cujo consumo de água é considerado mínimo e nós, como Governo, fomos autorizando grandes plantações de banana, sem fazer as devidas análises”.

Planos Directores para Municípios de Boane, Quelimane e Cuamba



Participantes da cerimónia de apresentação dos planos directores dos municípios de Boane, Quelimane e Cuamba. Foto: WaterAid/Arão Valoi

Com apoio da WaterAid Moçambique, os Municípios de Boane, Quelimane e Cuamba, contam desde Março com os respectivos Planos Directores de Água, Saneamento e Higiene (ASH), instrumentos importantes que vão permitir-lhes um planeamento do uso da terra integrado e alinhado com outros aspectos de desenvolvimento social e económico tendo em conta o crescimento populacional.

Os documentos foram lançados mês passado, em evento público na Cidade de Maputo, na presença de diversas individualidades, entre membros do Governo, presidentes dos conselhos municipais em alusão, doadores/parceiros de cooperação, organizações da sociedade civil e outros.

O lançamento foi o culminar de Projectos Integrados de Abastecimento de Água, Saneamento e Higiene, que vem sendo implementados desde 2013 pela WaterAid Moçambique, em parceria com os três municípios, cuja meta era a elaboração de Planos Directores de ASH com horizontes de 10 anos, com a finalidade de orientar o desenvolvimento e crescimento daquelas autarquias nos próximos anos.

Os documentos irão igualmente ajudar na angariação de financiamentos para a implementação das intervenções daquelas entidades na componente de ASH.

Os planos abordam questões-chave, tais como o abastecimento de água, saneamento básico, eliminação de dejectos, resíduos sólidos urbanos (RSU), águas pluviais e residuais, educação para higiene, financiamento e capacitação institucional. Em última instância, estes documentos visam influenciar ou fortalecer o ambiente e capacidade institucional dos municípios para a implementação de projectos de ASH; promover o aumento equitativo e sustentável do acesso ao abastecimento de água e saneamento seguro e contribuir para a elevação da consciência dos munícipes para a mudança de comportamento sobre água, higiene e saneamento.

Na maior parte dos municípios, aqueles serviços caracterizam-se, de uma forma geral, por terem uma baixa cobertura, insuficiência da sua capacidade para atender a demanda dos serviços, operação e manutenção deficientes, falta de investimentos para a sua reabilitação e expansão, além de outros aspectos necessários para a satisfação dos utentes.

Também se colocam aspectos institucionais e organizacionais que se apresentam como limitações para a sua sustentabilidade. De um modo geral, as questões críticas sobre a prestação de serviços ur-

banos estão relacionadas à planificação e à garantia de infra-estruturas e a serviços tais como estradas, abastecimento de água e electricidade, saúde pública e drenagem/saneamento, remoção do lixo e transportes públicos.

Além disso, os planos urbanos tendem a estar mais preocupados com aspectos de planeamento do uso

da terra sem serem integrados com outros aspectos de desenvolvimento social e económico. A situação agravou-se também devido ao êxodo que se gerou durante a guerra que o País viveu por vários anos, obrigando muitas pessoas a refugiarem-se nas cidades e seus arredores, o que saturou as infra-estruturas existentes.

Carlos Noa Laisse, AIAS:

Os planos são muito extensivos e envolvem muitas instituições, o que pode parecer um exercício muito difícil, pelo que a WaterAid está de parabéns. Para mim, seria interessante definir as prioridades específicas para cada área (água e saneamento), ou seja, o que deve ser feito a curto prazo. Nos municípios, os planos deviam também identificar áreas específicas reservadas para a colocação de infraestruturas para certos serviços, para evitar reassentamentos. O outro ponto que não me parece realístico, são as projecções financeiras feitas em meticais para um período de dez anos, sabendo das oscilações cambiais que caracterizam o nosso metical.



Sandra Guiamba USAID:

É necessário que haja integração e coordenação entre diversas instituições públicas e privadas para que haja sustentabilidade na implementação destes planos, por isso, acho que é pertinente envolver instituições como os ministérios da educação e saúde, tendo em conta que muitos aspectos abordados nos planos tem uma relação directa com estas instituições.

Suzana Saranga, Presidente do CRA

Queremos congratular a todos os envolvidos no desenho destes planos directores, que irão ajudar os municípios na gestão do espaço territorial. Notamos, porém, que o papel das autarquias parece ser claro, mas o das instituições de nível central, tais como o Conselho de Regulação da Água (CRA) e outras instituições não está claro. É importante ter isso em conta porque, caso contrário, os planos não terão muita força. As instituições centrais são cruciais na identificação de financiadores;



Em foco

WaterAid junta Governo, Município e Privados a discutirem Gestão de Pequenos Sistemas de Abastecimento de Água em Boane



Presidente do Conselho Municipal da Vila de Boane, Jacinto Loureiro, intervindo durante o evento.

Foto: WaterAid/Arão Valoi

Numa iniciativa da WaterAid Moçambique, o Governo do Distrito de Boane, o Município da Vila do mesmo nome e os operadores privados sentaram-se à mesma mesa para, juntos, discutirem e encontrarem soluções em torno dos desafios encarados na Gestão de Pequenos Sistemas de Abastecimento de Água ao nível daquela região. O encontro tinha como objectivo, não só apresentar as modalidades de gestão e o respectivo manual de implementação, mas acima de tudo, ouvir as expectativas e os desafios dos operadores privados presentes na sessão.

Ivone Pascoal, Gestora do Projecto da WaterAid em Boane disse que “o facto de termos conseguido trazer quase todos os operadores privados de sistemas de abastecimento de água, algo que raras vezes acontece, despertou a atenção sobre a atenção que deve ser dada a gestão destes sistemas”.

Segundo ela, foi uma oportunidade ímpar, não só de divulgar as oportunidades de gestão existentes, mas pouco conhecidas, mas também de clarificar os

pontos de penumbra e criar espaços de diálogo entre o Município e o Governo do Distrito de Boane.

Durante a abertura, o Presidente do Conselho Municipal da Vila de Boane, Jacinto Loureiro, enalteceu o papel da WaterAid na promoção do encontro e no trabalho que a organização tem estado a realizar naquele local. O mesmo foi secundado pelo Secretário Permanente do Distrito e pelo representante do Governo Provincial de Maputo, Bernardo Nacivila. Uma das grandes lacunas identificadas na reunião é a ausência, quer no distrito, quer no município, de órgãos locais de regulação e gestão de água, os quais poderiam, não só dar mais dinamismo ao processo de gestão, mas também garantir a sustentabilidade dos sistemas.

A falta de clareza dos papéis a desempenhar, a pouca sincronização entre o Governo do Distrito e o Município ficaram, de alguma forma, patentes na reunião Jacinto Loureiro foi categórico ao afirmar que o Município é autónomo financeira, administrativa e patri-



Moisés Mabote, Técnico da Direcção Provincial das Obras Públicas de Maputo apresentando os modelos de gestão de Sistemas de Abastecimento de Água.
Foto: WaterAid/Arão Valoi

monialmente. Daí que a responsabilidade de gestão dos sistemas que se encontrem dentro do território autárquico é da responsabilidade do Município. “Quando há problemas, a população corre para o Município em busca de soluções”, disse, acrescentando que “com esta reunião, as coisas ficaram mais claras e nós, dentro da nossa autonomia, iremos avançar rapidamente com a criação do órgão de regulação”.

Operadores levantam desafios sérios na gestão dos sistemas

A reunião foi marcada pela presença massiva de operadores privados de sistemas de abastecimento de água ao nível da Província de Maputo. Para eles, o momento serviu para levantarem os desafios que tem estado a enfrentar no dia-a-dia do seu trabalho. Para o caso do sistema de Salamanga, no Posto Administrativo de Matutuine, foram levantadas questões ligadas a falta de pagamentos de tarifas, diminuição da capacidade de captação (em mais de 60%); inexistência de um interlocutor disponível a nível do Governo; fraco domínio e percepção de conteúdos contratuais pelos governos locais; fraca partilha de informação entre cedente e gestor, fraca colaboração do Governo Provincial; falta de um sistema adequado de gestão de receitas, entre outros. Em muitos casos, estes problemas coincidem com os dos outros locais como Mapulanguene e Changanane. De resto, o Governo também tem mapeados estes problemas e um dos pontos levantados pelo Director Nacional da WaterAid Florêncio Marerua, como proposta de solução é o treinamento dos operadores para conferir lhes mais capacidade técnica para operação, manutenção e gestão dos sistemas e introdução de sistemas adequados de gestão de receitas.

“Estas questões que foram levantadas aqui são preocupantes. Falou-se tanto da falta de comunicação e acho que devemos ultrapassar estes problemas. Podemos ter vários furos, vários sistemas, mas se não temos capacidade de nos comunicar uns com os outros, de coordenar nossas actividades, não vamos longe”, disse Marerua.

Cenário actual na Província

- Existem mais de 270 Pequenos Sistemas de Abastecimento de Água (PSAA) no País e cerca de 40 na Província de Maputo; localizados nas Sedes de Distritos, Municípios, Postos Administrativos, Localidades e alguns aglomerados populacionais;
- A maior parte construídos a mais de 25 anos;
- Desenhados e estruturados para servir o Administrador do Distrito Colonial, alguns funcionários públicos e os comerciantes

Desenhados para servir uma minoria da população 40 sistemas de Abastecimento de Água na Província, 18 operacionais e 9 não operacionais. 13 Sistemas sob gestão das Administrações Distritais e Municipais.

Para os operadores privados, o momento serviu para levantarem os desafios que tem estado a enfrentar no dia-a-dia do seu trabalho, tais como a falta de pagamentos de tarifas, diminuição da capacidade de captação (em mais de 60%); inexistência de um interlocutor disponível a nível do Governo; fraco domínio e percepção de conteúdos contratuais pelos governos locais; fraca partilha de informação entre cedente e gestor, fraca colaboração do Governo Provincial; falta de um sistema adequado de gestão de receitas, entre outros.

Reportagem



Um drama sem precedentes em Mulinda



Belinha Luís (em frente) e as amigas depois de tirarem água suja do Rio Muchimazi, localizado a quatro quilómetros da Comunidade de Mulinda, onde moram.
Foto: WaterAid/Arão Valoi

A um ritmo solavânculo, uma estrada de terra batida, seguindo a direcção Mecanhelas-Cuamba, com desvio à direita, após uns 4 km, leva-nos à Comunidade de Mulinda, situada no Posto Administrativo de Insaca, localidade do mesmo nome, Distrito de Mecanhelas, Niassa. Mulinda está há sensivelmente 8 km da Vila e, segundo as estatísticas fornecidas pelas autoridades locais, é composta por 146 famílias, o que dá uma média de 730 pessoas.

O verde que se espalha ao longo da via, não só retrata a pouca esperança de uma comunidade sonhadora, porém, esquecida, mas também a vida de culturas como milho, mandioca, tabaco e algodão, estes últimos cultivados para fins comerciais. Mulinda tem uma terra bastante fértil e produtiva, entretanto, vive um drama de água sem precedentes.

Desde que a comunidade existe, contam os mais velhos, nunca houve um poço convencional, que forneça

água para o consumo humano, aliás, nem se quer conhecem o “sabor” da água limpa.

Toda a comunidade socorre-se do Rio Muchimazi, que nasce nas montanhas Khomoni e desagua no Lago Chirua, depois de percorrer uns 60 km de distância.

O rio está há quase 5 km da comunidade de Mulinda. Um sinuoso caminho, lamacento e coberto de capim alto, é que nos leva ao Rio Muchimazi. Enormes manadas de gado, jovens pastores e pescadores, exibindo anzóis e peixe preto, ainda minúsculo, anunciam que estamos perto do famoso rio que dá “vida” à Mulinda.

Já chegamos! Anuncia Afonso Bero, da Associação Mista Religiosa Para Educação Moral (AMIREMO), organização parceira da WaterAid na implementação do Projecto JOA, em Mecanhelas.

De facto, a frescura e o barulho da corrente de água côr creme, não enganam. É o rio Muchimazi, cujas



Argentina Eduardo, 23 anos, lava roupa no Rio Muchimazi. A mesma água é também usada para beber e tomar banho e abeberamento do gado.
Foto: WaterAid/Arão Valoi



águas tomaram a côr e o cheiro da lama. Ao notar a presença de estranhos na área, a população que enche o rio entra em azáfama e só volta a ordem depois da intervenção de Afonso Bero. Lá chegamos de perto e notamos que mais do que garantir vidas, o Rio Muchimazi é o berço das doenças diarréicas que tem estado a afectar as populações de Mulina, com maior impacto para crianças de 0 aos 5 anos de idade.

A água que corre no rio é totalmente turva, imprópria para o consumo humano, para além de que a mesma é partilhada com os bois. No mesmo local onde a população tira água para beber, pode-se ver pessoas de várias idades, dos dois sexos, a tomarem banho e outras a lavarem a roupa. É uma combinação assustadora para quem testemunha o cenário pela primeira vez.

No local, encontramos Belinha Luís, uma menina de 12 anos de idade e aluna da Sexta Classe na Escola Primária Completa de Chaca. São sensivelmente 10 horas e, era suposto que Belinha estivesse na escola. Mas faltou, porque há que garantir água, primeiro.

“Sei que no fim do ano posso chumbar, mas não tenho alternativa porque não temos água perto de casa. Tenho de vir aqui antes de ir à escola e só depois de terminar posso ir às aulas. Os meus professores sabem”, confessa Belinha.

E continua: “Esta água está suja. Tudo é feito aqui. Tomamos banho, lavamos roupa, os bois bebem aqui e no fim tiramos para consumir. Por isso, o sabor não é bom, só usamos porque temos medo de morrer por falta de água”, explica a menina, com um ar de desespero.

Para conseguir 25 litros de água, Belinha percorre 8 km (ida e volta) até ao Rio e deve fazê-lo várias vezes: pelos menos umas três, tal como conta ela.

Belinha tem um olho vermelho, denotando que algo não vai bem com a sua saúde. Diz ela que a situação

começou um dia depois de mergulhar no rio. Suspeita, por isso, que esteja relacionado à água.

O Pai da Belinha, Issufo Daglaci, 41 anos, casado com Margarida Saimone, 39, também vive por perto a crise da água, mas sente-se impotente para esboçar qualquer que seja a solução.

“Como pai, sinto muito pelos meus três filhos. O mais velho teve de deixar de estudar porque tem que ajudar na machamba e assim poder libertar as meninas para ir ao rio. A Belinha está na Sexta Classe, mas se não fosse esse problema, se calhar estaria noutra nível”, lamenta.

Mesmo assim, Issufo tem esperança que um dia a água limpa possa chegar:

“Se um dia a água chegar estaremos muito alegres e aí veremos que existem pessoas que se preocupam connosco. A água é muito importante para nós, mas o Governo sempre que vem aqui promete e depois não diz mais nada”.

Em Mulinda, existem vários casos de desnutrição crónica. Crianças com idade inferior aos 5 anos de idade, sofrem, não só com os problemas de água, mas também de alimentação.

Argentina Eduardo, 23 anos de idade, casada com Assima Baptista, agricultor, também testemunha a grave situação a que se encontra o povoado de Mulinda.

“Em Mulinda temos várias situações de pessoas doentes, principalmente crianças. Basta usarmos esta água, sentimo-nos mal. Estamos isolados e o Governo não se lembra de nós”, continua ela. Argentina tem uma bebé de 14 meses. Chama-se Rosita Assima e não aparenta bom estado de saúde.

“A minha filha também bebe esta água suja, por isso, está num estado de saúde deplorável”, termina ela.

A WaterAid entende que a situação de Mulinda é preocupante e que a comunidade devia merecer atenção em próximas intervenções na Província de Niassa.

Projecto JOA garante água para cerca de cinco mil pessoas em Mecanhelas

Cerca de cinco mil pessoas das comunidades de Nhangataiane, Insaca, Bohola e Nauange no Distrito de Mecanhelas, Província de Niassa, já tem água potável resultante do Sistema de Abastecimento de Água com pequenas bombas movidas a painéis solares, construído pela WaterAid, no âmbito do Projecto JOA - Jersey Overseas Aid.



Joana João tirando água limpa do fontanário construído pela WaterAid em Nhangataiane, no contexto do Projecto JOA. Foto: WaterAid/Arão Valoi

O Sistema em alusão é composto por uma torre de 10 metros, um furo de 52 metros de profundidade, um tanque de 10 mil metros cúbicos de água e um total de cerca de 3800 metros de tubagem. A sua construção teve início em Outubro de 2017, tendo as obras sido concluídas em Dezembro do mesmo ano.

Igualmente, 508 crianças da Escola Primária Completa de Insaca tem acesso a instalações de saneamento seguro, já que o projecto incluiu a construção de um bloco sanitário equitativo e inclusivo. Na mesma escola, foi formado um Clube de Saúde Escolar com 12 membros (9 alunos e 3 professores) treinados em boas práticas de higiene, incluindo a Gestão de Higiene Menstrual.

Quatro Comités de Água foram formados, sendo um para cada comunidade. Os comités tem, no total 48 membros constituídos por pessoas seleccionadas nas comunidade, sendo 50% mulheres. Entre outros, os comités têm estado a receber treinamentos em gestão e manutenção do sistema de abastecimento de água;

Com 260 mil habitantes, o Distrito de Mecanhelas é

um dos que apresentam baixos índices de acesso aos serviços de água, apenas 32%.

Pessoas como Rosalina Catxala, 32 anos e a filha, Joana João, 14 anos de idade, sempre consumiram água suja tirada num poço tradicional que toda a comunidade de Nhangataiane usava antes da chegada da água do sistema.

Aluna da Quinta classe na Escola Primária Completa de Insaca, cerca de 3 km de Nhangataiane, Joana sempre teve dificuldades para estudar, uma vez que faltava às aulas por causa da falta de água limpa.

“Sempre atrasava à escola porque tinha que acordar cedo para ir ao poço, ficar na fila, para tirar 20 litros de água e voltar para casa. Só depois disso é que me preparava para as aulas, mas chegava sempre tarde. Tive muitas faltas e o professor achou que eu não podia progredir, por isso, tive que repetir”, afirma ela.



Rosalina Catxala e Teresa Luís buscam água do fontanário construído pela WaterAid em Nhangataiane. Foto: WaterAid/Arão Valoi

Para agravar a situação, Joana diz que a água não era suficiente para lavar uniforme que a mãe comprara com a venda de tabaco e outros produtos agrícolas. Por isso, sempre apresentava-se suja na escola.

A mãe da Joana sabe que em condições normais, a filha devia andar na oitava classe, considerando a sua idade. Mas por causa da situação e das condições em que vive, está 3 anos atrasada. Em 2016 reprovou na Quarta classe e ela conta que tudo esteve relacionado com a falta da água na comunidade.

Tenho quatro filhos, mas três tiveram que deixar de estudar porque sempre ficavam doentes, com dores de barriga e faltavam às aulas. A Joana continua, mas também tinha muitas faltas por causa de dores de barriga ou porque tinha que ir tirar água antes da escola. Os professores nunca compreenderam a razão da sua ausência nas aulas”, conta ela.

Porém, com água limpa próximo à casa, Rosalina Catxala e Joana são, hoje, mulheres felizes. Se dantes a Joana perdia aulas por falta da água, agora já é aluna assídua na escola e pensa em ser professora “para ensinar as outras crianças sobre os desafios da vida”.

“Com este sistema perto de casa, não há mais motivos para atrasar às aulas e nem quero ter mais faltas na escola. Estou muito feliz e sinto que vou passar para a Sexta Classe. A minha intenção é continuar a estudar



Rosalina Catxala a caminho de casa. A água fica mais próxima e pode regressar ao fontanário várias vezes durante o dia. Foto: WaterAid/Arão Valoi

até que consiga ser professora. Já não tenho problemas em lavar meu uniforme. A qualquer altura depois das aulas, posso vir tirar água e lavar. Já não souro como dantes”, afirma.

Rosalina Catxala também manifestou a sua satisfação: “para nós, este é sinal de desenvolvimento. Sofríamos muito devido a falta de água e desde que começamos a usar este fontanário, nunca mais ficamos doentes. A água daqui é sempre fresca, boa e agradável de beber. Notamos uma diferença enorme”.

A chegada de água à Nhangataiane trouxe também outras vantagens. “Dantes perdia tempo a ir ao poço tirar água. Agora dedico-me mais à machamba e a outros afazeres domésticos. Sei que a água está perto, uns 30 metros, e não me preocupo mais”.

Análise



ALVES Nhairire
Coordenador de
Planificação, Monitoria,
Avaliação e Relatórios

Cuamba e os desafios para a mudança de comportamento em relação a higiene

Cuamba é um dos distritos da Província de Niassa que, à semelhança dos restantes distritos da Província, enfrenta os problemas de acesso água, saneamento e higiene adequada, problema que tem impacto na saúde das comunidades. Neste documento pretendemos levar o estimado leitor a conhecer alguns dos desafios que este distrito enfrenta no que diz respeito à mudança de comportamento das comunidades em relação a higiene.

Dados do relatório de 2017 sobre a situação epidemiológica em Cuamba, indicam uma redução de casos de mortes por doenças evitáveis por uma higiene adequada como a cólera. Em 2015, houve um registo total de 202 casos que resultaram em 9 óbitos e entre 2016 e 17, dos casos reportados não houve registo de mortes.

Embora sem casos de mortes reportados nos últimos 2 anos, as pessoas ainda comportam-se de forma inadequada em relação a higiene. Sobre esta tendência, urge fazer a seguinte questão: *quais são as barreiras para a mudança de comportamento pelos agregados familiares no distrito de Cuamba?* Com vista a obter uma resposta sobre esta questão, a WaterAid realizou um estudo formativo sobre as barreiras para a mudança de comportamento em relação à higiene em Cuamba.

O estudo identificou como barreiras o seguinte: Acessoo deficiente a água segura; baixa renda das famílias, o que lhes limita a capacidade de aquisição dos materiais para garantir um saneamento e higiene adequados e para a purificação da água; baixo nível de alfabetização das pessoas, o que constitui uma barrei-

ra para a interpretação de mensagens escritas relacionadas à mudança de comportamento e a inexistência de sistemas de saneamento familiar e público o que, em muitos casos, encoraja as pessoas a praticarem o fecalismo à céu aberto.

Face aos comportamentos de risco entre os habitantes de Cuamba, os Serviços Distritais de Saúde e Acção Social de Cuamba, tem trabalhado com as comunidades na sensibilização para a mudança de comportamento e prevenção contra a cólera e outras doenças de origem hídrica.

As actividades comportam o trabalho permanente com os Agentes Polivalentes de Saúde; organização de Feiras de saúde; sensibilização por meio de activistas comunitários; trabalho com as rádios comunitárias e a activação de plano de contingência sempre que se mostrar necessário.

Estas acções tem mostrado resultados encorajadores, sobretudo, nos bairros municipais. Porém, medidas institucionais devem ser tomadas com vista a desencorajar comportamentos atinentes a saúde pública, nomeadamente a introdução e aplicação de uma postura ao nível do município. Com esta medida, os órgãos municipais poderão regular o comportamento dos municípios e desencorajar a prática de maus hábitos de saneamento e higiene como a defecação a céu aberto. A postura devida, igualmente, ser aplicado ao nível dos mercados para desincentivar a venda de alimentos pré-confeccionados sem a obediência das regras de higiene.

WaterAid inaugura sanitários modernos e inclusivos em Quelimane



Florêncio Marerua, Director Nacional da WaterAid e Manuel Araújo, Presidente do Conselho Municipal de Quelimane inauguram sanitários modernos e inclusivos em Quelimane.
Fotos: WaterAid/Arão Valoi



Pouco mais de cinco mil pessoas dos bairros de Torrone, Floresta, Namuinho e Janeiro poderão ter acesso a serviços melhorados de saneamento e higiene, com a inauguração, sábado, de um total de seis sanitários modernos e inclusivos construídos no âmbito de uma parceria entre a WaterAid e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF).

Os sanitários, inaugurados pelo Presidente do Município de Quelimane, Manuel Araújo, surgem no contexto de um projecto da WaterAid, visando o melhoramento de boas práticas de saneamento e higiene nas zonas peri-urbanas da Cidade de Quelimane e que teve o financiamento do UNICEF, e participação da WaterAid num valor estimado em cerca de 13 milhões de meticais.

Tecnicamente, os sanitários são tidos como inclusivos, dada a acessibilidade que oferecem ao incorporar

elementos como rampas, corrimãos, compartimentos com suportes para deficientes, espaço para banho, entre outros.

Os sanitários encontram-se em locais públicos tais como paragens de auto-carros, nomeadamente Ramoza, Lixo, Hospital Central de Quelimane (HCQ) e nos mercados de Namuinho, Aquima, Torone e Santagua.

A iniciativa surgiu como uma tentativa de pôr cobro a situação a que se encontra a Cidade de Quelimane em termos de saneamento, onde apenas 40% da população possui sanitários decentes, de um universo de cerca de 193.343 habitantes.

De acordo com dados oficiais, a nível periurbano, observa-se ainda o fecalismo a céu aberto como prática predominante nos locais-alvo, particularmente nos bairros de Janeiro e Torone, com floresta e vegetação significativas de mangal.

Dia Mundial da Água reflecte sobre ocupação de espaços e preservação de caminhos da água

O Dia Mundial da Água, celebrado a 22 de Março de cada ano, foi marcado por várias actividades e momentos de reflexão. Em Maputo, o Ministério das Obras Públicas, Habitação e Recursos Hídricos, através da Direcção Nacional de Abastecimento da Água e Saneamento (DNAAS) e da Direcção Nacional de Gestão de Recursos Hídricos (DNGRH) juntou vários parceiros, incluindo a WaterAid, para reflectir sobre “a ocupação de solos preservando os caminhos da água”, lema escolhido por Moçambique para marcar as comemorações da efeméride.

Na ocasião, foram levantados aspectos ligados à ocupação desordenada de solos para vários fins, principalmente para assentamentos humanos, com impacto para o escoamento das águas.

“Moçambique é um país propenso à ocorrência de desastres naturais, com maior destaque para cheias. O grau de vulnerabilidade é grande e ainda agravado pela ocupação desordenada dos solos, assim como insuficiência de infraestruturas hidráulicas capazes de mitigar o efeito das cheias”, disse o representante da DNGRH

De facto, nos últimos anos, o País regista com frequência cenários de cheias, que causam impacto negativo no desenvolvimento sócio-económico (perdas de vidas humanas e infraestruturas socio-económicas). Segundo a DNGRH, tudo tem a ver, entre outros, com a ocupação de áreas vulneráveis a inundações, a falta de infra-estruturas de drenagem pluvial e da sua manutenção, o rápido crescimento da população (êxodo rural devido aos altos índices de pobreza nas zonas rurais); a procura de terras férteis para a prática de agricultura; a guerra civil; ineficácia na aplicação das políticas de ordenamento territorial no país e deficiente coordenação na Gestão Integrada de Recursos Hídricos.

Como resultado, assistimos a cenários como desflorestamento; erosão de solos; aumento do escoamento superficial; assoreamento dos cursos de água; inundações; incremento dos índices de sedimentação nas albufeiras; degradação da qualidade de água e eclosão de doenças de origem hídricas.

Como medidas de mitigação, o Governo sugere que o País aprenda a viver com as cheias; dar espaço ao

rio; mapear áreas de riscos; investir em infraestrutura hidráulicas de defesa e armazenamento; investir em educação ambiental para a conservação da natureza; criar novas áreas verdes e lagoas artificiais para aumentar a permeabilização; elaborar planos integrados de gestão e planeamento de uso de solos urbanos e rurais; estimular seguros de infra-estruturas contra cheias; estimular o desenvolvimento ordenado nas zonas rurais para conter o êxodo; aplicar rigorosamente as políticas sobre zonas de protecção

Saiba Mais

O Dia Mundial da Água foi criado pela ONU (Organização das Nações Unidas) no dia 22 de Março de 1992, através da divulgação de um importante documento: “Declaração Universal dos Direitos da Água”.- Reconhecendo que a água faz parte do Património Mundial; a água não é uma doação gratuita da natureza; ela tem um valor económico: precisa-se saber que ela é, algumas vezes, rara e dispendiosa e que pode muito bem escassear em qualquer região do mundo.

Considere sempre que:

- Água é vida. Vamos usar com inteligência para que ela nunca falte;
- O futuro de nosso planeta depende da forma com que usamos a água hoje;
- Todo dia é dia de água, pois ela está presente em tudo e em todos;
- O Dia Mundial da Água não é só para pensar, mas principalmente para agir: vamos usar este recurso natural com sabedoria para que ele nunca acabe.
- Sem a água não haveria vida na terra! Pense nisso todos os dias;
- A água doce é vital para sustentar a vida, para a qual não há substituto;
- Embora a água seja um recurso renovável, ela é praticamente escassa;
- A água é um recurso fugitivo. Por isso, é difícil avaliar as variações de stock e fluxo, para definir os limites do recurso

Anunciados vencedores da Terceira Edição do Prémio de Jornalismo para Água, Saneamento e Higiene



Evelina Muchanga, jornalista do “Notícias” recebe o Prémio de Melhor Jornalista de Água, Saneamento e Higiene, categoria Imprensa, das mãos do Ministro das Obras Públicas, Habitação e Recursos Hídricos, João Machatine. Foto: WaterAid/Luís Muianga

A WaterAid Moçambique, o Sindicato Nacional de Jornalistas (SNJ) e a Direcção Nacional de Abastecimento de Água e Saneamento (DNAAS), anunciaram a 31 de Maio de 2018, os vencedores da Terceira Edição do Prémio de Jornalismo para Água, Saneamento e Higiene. O anúncio foi feito durante a Reunião Anual de Avaliação Conjunta do Sector de Águas (RAC), que teve lugar nos dias 31 de Maio e de 1 de Junho de 2018.

Evelina Muchanga, Victor Machirica e Jonas Wazir, todos do jornal Notícias foram os vencedores da categoria “Imprensa Escrita”, tendo se posicionado na primeira, segunda e terceira posições respectivamente. Na categoria “Rádio”, apenas foram premiados o segundo e o terceiro lugares, nomeadamente, Alberto Mazanga, da Rádio Moçambique e Samuel Macuácuá, do Instituto de Comunicação Social (ICS).

Os membros do Júri decidiram não atribuir o prémio para a categoria de Televisão, tendo em conta que os trabalhos apresentados não reuniram os requisitos mínimos aceitáveis para a premiação. Para esta edição, foram submetidos treze trabalhos, sendo sete na categoria “imprensa escrita”, quatro na categoria “rádio” e dois na “Televisão”.

Em conformidade com o Regulamento do Prémio, os membros do Júri seguiram os seguintes critérios de avaliação: objectividade, investigação, redacção, imparcialidade e impacto



Alberto Mazanga, jornalista da RM

O Prémio tem como objectivo valorizar o trabalho realizado pelos profissionais de comunicação e os respectivos órgãos de informação, destacar os trabalhos jornalísticos de qualidade e incentivar a divulgação de informações relevantes sobre o sector de água, saneamento e higiene em Moçambique. É lançado anualmente para profissionais que trabalham em órgãos de comunicação ou jornalistas e repórteres independentes que publicam os seus trabalhos em todo território nacional, abrangendo matérias jornalísticas classificadas em categorias como imprensa escrita, rádio e televisão.

A woman, Margarida Saimone, is the central figure, wearing a blue and white striped shirt and a vibrant, patterned skirt. She carries a white bucket. The background shows a riverbank with other people and a cow. The scene is set outdoors with lush greenery.

Margarida Saimone, 39 anos, residente na Comunidade de Mulinda, em Mecanhelas, busca água no Rio Muchimazi. A água é imprópria para o consumo. A mesma é usada para tomar banho, lavar a roupa e abeberamento do gado.

Foto: WaterAid/Arão Valoi